



## EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,  
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Há estrelas que reluzem, sejam maiores ou menores, confirmando um norte e sentido, tantas vezes perdido, apontando rumos e caminhos que progressivamente se edificam!

Faróis existem que, a cada noite se erguem, quebrando a escuridão num cintilar que garante a presença de terra, corrigindo rotas e confirmando outras.

Há luzes que não se apagam e outras que se acendem para que os olhos possam ver mais longe e os passos sejam mais firmes, e nos perigos, que não nos falte alarmes soantes que despertem os mais distraídos nas rotas de um peregrinar que, se não é de irmão, tem pouco, ou nenhum, coração: assim, ninguém chega mais longe e há fortes probabilidades de alguém se desviar da rota e vir a perder-se. E que ninguém se perca!

E o caminho faz-se caminhando; um caminhar lado a lado como quem se apercebe que não vai só nem é um ser isolado, e todos responsáveis uns pelos outros porque o “cada um por si e Deus por todos” nada tem de cristão, e o “não tenho nada a ver com isso e com ele” de humano tem muito pouco.

O meu “eu” só o é verdadeiramente no encontro com o “eu” do outro, levando à conjugação de um “nós” que nos capacita a sermos mais pessoas, gente feita povo e povo feito comunidade; e se a “casa” é comum, todos somos parte integrante dela!

É fácil apontar, muito fácil mesmo! É demasiado tentador esquecermos dos três dedos que para nós se voltam quando apontamos aos outros apenas um! Somos muito perspicazes em decifrar os erros, falhas e demais negatividades da existência alheia e, quando não há amor não se acolhe: condena-se! Não se ama: julga-se! Já Jesus afirmava que “quem não tem pecados, que atire a primeira pedra”. Há que atirar, sim, mas não pedras: há que atirar compreensão, respeito, capacidade de acolher, levantar, cuidar e recuperar o que está perdido; atirar um olhar que, não aprovando o erro ou a falha, liberte quem os cometeu! Quantas e quantas vezes condenamos o “pecador” em vez do “pecado”? Quantas vezes afundamos os outros e deixamos o “pecado” à tona da água! “Matamos” a pessoa e libertamos o “pecado”. Assim não chegamos a parte nenhuma!

Há que atirar, sim, sentimentos de perdão numa miscelânea de ternura e bondade que capacite o outro a sentir-se plenamente amado e acolhido, tal qual é, implicando o seu positivo e negativo e, nesta envolvimento de compaixão saber que, mais que uma oportunidade que lhe é dada, tem todas as oportunidades possíveis.

O outro diz-nos respeito e respeito merece o outro! Todo o respeito! E quem ama corrige, quem ama, mais que criticar velhos e passados caminhos, aponta outros, mais que proferir sentenças condenatórias ergue novas oportunidades, novos rumos e sentido. E a humildade é para ambas e todas as partes, uma humildade que reconhece o outro como irmão, que o ama tal qual é mas que não se coíbe em propor outras alternativas e a entender a mão para que o caminho seja mais firme e seguro.

Que aquela parte da canção do Rui Veloso que “não há estrelas no céu e por mais amigos que tenha, sinto-me sempre sozinho” seja apenas e só uma mera letra musical porque o objectivo é ganhar um irmão!

# afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

## PALAVRA COM VIDA

### XXIII DOMINGO DO TEMPO COMUM

#### Ano A

##### 1ª Leitura Ezequiel 33, 7-9

«Se não falares ao ímpio, pedir-te-ei contas do seu sangue»

##### 2ª Leitura Romanos 13, 8-10

«A caridade é o pleno cumprimento da lei»

##### Evangelho São Mateus 18, 15-20

«Se te escutar, terás ganho o teu irmão»

A Palavra do Senhor deste Domingo propõe-nos uma reflexão sobre a nossa responsabilidade face aos irmãos que nos rodeiam. Ela afirma-nos claramente, que ninguém pode ficar indiferente diante daquilo que ameaça a vida e a felicidade de um irmão e que todos somos responsáveis uns pelos outros.

A primeira leitura fala-nos do profeta como uma “sentinela”, que Deus colocou a vigiar a cidade dos homens. Atento aos projectos de Deus e à realidade do mundo, o profeta apercebe-se daquilo que está a subverter os planos de Deus e a impedir a felicidade dos



homens. Como sentinela responsável alerta, então, a comunidade para os perigos que a ameaçam.

O Evangelho deixa clara a nossa responsabilidade em ajudar cada irmão a tomar consciência dos seus erros. Trata-se de um dever que resulta do mandamento do amor. Jesus ensina-nos, no entanto, que o caminho correcto para atingir esse objectivo não passa pela humilhação ou pela conde-

nação de quem falhou, mas pelo diálogo fraterno, leal, amigo, que revela ao irmão que a nossa intervenção resulta do amor; A nossa intervenção junto do nosso irmão não pode ser guiada pelo ódio, pela vingança, pelo ciúme, pela inveja, mas sim pelo amor. A lógica de Deus não é a condenação do pecador, mas a sua conversão; e essa lógica devia estar sempre presente, quando nos confrontamos com os irmãos que falharam. A Igreja tem o direito e o dever de pronunciar palavras de denúncia e de condenação, diante de actos que afectam gravemente o bem comum, no entanto, deve distinguir claramente entre a pessoa e os seus actos errados. As acções erradas devem ser condenadas; os que cometeram essas acções devem ser vistos como irmãos, a quem se ama, a quem se acolhe e a quem se dá sempre outra oportunidade.

Na segunda leitura, S. Paulo convida os cristãos de Roma, e de todos os lugares e tempos, a colocar no centro da existência cristã o mandamento do amor. Trata-se de uma “dívida” que temos para com todos os nossos irmãos, e que nunca estará completamente saldada.

## SABIAS QUE...



... no passado dia 1 de Setembro, se assinalou o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado com Criação?

Todos os anos, nesse dia, é celebrado o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado com Criação, dia estabelecido pelo Papa Francisco, em 2015, em consonância com o tema tratado na sua encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum, o nosso planeta Terra.

Com este dia, o Papa pretendeu oferecer “a cada crente e às comunidades uma valiosa oportunidade de renovar a adesão pessoal à própria vocação de protectores da criação, elevando a Deus uma acção de graças pela maravilhosa obra que Ele confiou ao nosso cuidado, invocando a Sua ajuda para a protecção da criação e a Sua misericórdia pelos pecados cometidos contra o mundo no qual vivemos”.

Neste sentido, e neste ano de 2020 o Papa convidou as diversas comunidades católicas a celebrar, a 1 de Setembro, o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado com a Criação, associando-se, ainda, à iniciativa ecuménica que assinala a instituição, há 50 anos, do Dia da Terra. Esta iniciativa de oração e acção, que se iniciou na passada Terça-feira, decorrerá até dia 4 de Outubro, festa de São Francisco de Assis, padroeiro da ecologia, começando com o “Jubileu da Terra”.

Saibamos, pois, ver Deus e o Seu poder em cada um dos elementos que constituem a Sua Criação, o nosso planeta Terra.

## POR CÁ

### Ordenações sacerdotais marcam arranque dos trabalhos na Diocese



A ordenação sacerdotal, hoje, de seis diáconos e a Assembleia Diocesana, que juntará os conselheiros dos Conselhos Presbiteral e Pastoral Diocesano, de 2 a 5 de Outubro, marcam o arranque da retomada dos trabalhos da Igreja nos Açores.

Este ano, pela primeira vez, e tendo em conta que a calendarização das actividades está dependente das orientações da Assembleia Diocesana, o ano pastoral na diocese começa formalmente no Domingo do Cristo Rei, a 22 de Novembro, início do novo ano litúrgico. Habitualmente, o ano pastoral diocesano começaria no primeiro Domingo de outubro. Ainda assim, e até à definição e publicação das novas orientações de pastoral para toda a Diocese, a Igreja vai retomando aos poucos as suas actividades. A começar com o início da entrada dos novos sacerdotes nas paróquias que lhes

foram entregues. Esta recolocação, que é particularmente expressiva na ilha Terceira, nomeadamente na Ouvidoria de Angra, começou ontem e far-se-á até 26 de Setembro, entrando já, nalguns casos e Outubro.

Além desta movimentação normal de sacerdotes há ainda a ordenação, hoje, de seis diáconos, em Ponta Delgada, a partir das 16h00, na Igreja de São José.

Neste arranque do ano pastoral, destaque ainda para o início do ano lectivo nas escolas açorianas, com o começo das aulas de Educação Moral e Religiosa nos diferentes graus de ensino e, no dia 22, a abertura solene do ano lectivo no Seminário Episcopal de Angra. Recorde-se que quer os alunos do ensino regular quer os alunos do Seminário estão sem aulas presenciais desde Março, devido à pandemia.

Ainda este mês de Setembro, para além da celebração do Sacramento do Crisma, em algumas ouvidorias, como a da Praia da Vitória, haverá ainda tempo para a realização de uma acção de sensibilização para catequistas, no Centro Pastoral Pio XII, em Ponta Delgada, nos dias 16 e 17, a partir das 20h00 e para o Conselho Geral da Cáritas Diocesana, a 18 e 19 de Setembro, em Angra do Heroísmo.

Em Outubro, além da Assembleia Diocesana, de 2 a 5, em Ponta Delgada, realiza-se ainda a reunião do Colégio de Consultores, o Conselho Episcopal com os vigários territoriais e da formação bem como o encontro de responsáveis da Pastoral Juvenil na ilha Terceira.

## POR LÁ

### Papa regressou às audiências com peregrinos no Vaticano

O Papa Francisco manifestou esta semana a alegria de ter a presença de fiéis e turistas nas suas audiências gerais de Quarta-feira e apelou a “uma solidariedade guiada pela fé” que permite traduzir o amor de Deus na cultura globalizada”.

“Depois de tantos meses retomamos o nosso encontro face a face, e não ‘tela a tela’, mas face a face”, disse, no Pátio de São Dâmaso no Vaticano, no início da sua catequese com aplausos de cerca de 500 fiéis e turistas que marcaram presença na primeira audiência geral com pessoas desde 27 de Fevereiro.

Na sua reflexão, o Papa falou sobre ‘Solidariedade e a virtude da fé’ dando continuidade ao ciclo de catequese sobre o tema ‘Curar o mundo’, no contexto da pandemia originada pelo coronavírus Covid-19.

“Uma solidariedade guiada pela fé permite-nos traduzir o amor de Deus na nossa cultura globalizada, não construindo torres ou muros que dividem e

depois desabam, mas tecendo comunidades e apoiando processos de crescimento verdadeiramente humanos e sólidos”, explicou.

Francisco assinalou que a actual pandemia “pôs em evidência a interdependência” das pessoas, estão “todos ligados uns aos outros, tanto no mal como no bem” e para saírem “melhores desta crise” deve ser em conjunto, porque “sozinhos não se consegue”.

“A solidariedade hoje é o caminho a percorrer em direcção a um mundo pós-pandemia, para a cura das nossas doenças interpessoais e sociais. Não há outro. Ou seguimos em frente pelo caminho da solidariedade ou as coisas irão piorar. Quero repetir: De uma crise não sai como antes. A pandemia é uma crise. De uma crise, sai-se melhor ou pior, temos que escolher. E a solidariedade é precisamente o caminho para sair melhores da crise, não com mudanças superficiais, com uma pintura assim e tudo está bem. Não. Melhores!”, disse.



## ENTRE NÓS...



“«Deus viu que era coisa boa» (Gn 1, 25). No início da Bíblia, o olhar de Deus pousa-se ternamente sobre a criação.

Desde a terra habitável até às águas que sustentam a vida, desde as árvores que dão fruto até aos animais que povoam a casa comum, tudo é benquisto aos olhos de Deus, que oferece a criação ao Homem como dom precioso que deve guardar.” É com estas palavras do Papa Francisco, na Sua mensagem a propósito do Dia Mundial de Oração pelo Cuidado com a Criação, em 2019, que começamos esta reflexão sobre a forma como nós, Homens cristãos, temos vindo a olhar e a cuidar desta Criação de Deus.

Não podemos ser indiferentes a todas as notícias, muitas delas pouco animadoras, que reflectem todo um conjunto de alterações climáticas que conduzem, rapidamente, o nosso planeta e os seus recursos naturais para um ponto de não retorno. Por mais que nos queiram aligeirar os sintomas cada vez mais evidentes, a pressão que nós humanos, os tais e únicos que, na Criação, foram feitos à imagem e semelhança de Deus, temos vindo a fazer sobre os ecossistemas e tudo o que deles faz parte, reflecte-se em situações que, em última análise, agravam, ainda mais, as colossais desigualdades entre os mais pobres e desprotegidos e os mais ricos e fortes.

São precisamente as zonas do planeta menos desenvolvidas e, por conseguinte, com maiores carências sociais e económicas, aquelas que, em primeiro lugar, estão a ser vítimas das alterações climáticas. O continente africano cada vez mais dominado pela fome e por guerras nas quais o acesso à escassa água é um dos principais motivos para conflitos e movimentos migratórios de milhares de refugiados, as zonas assoladas por catástrofes climáticas extremas (cheias, furacões, tempestades) localizadas entre trópicos e associadas, também, ao subdesenvolvimento, os mares e oceanos com resíduos e poluição

crescentes que agravam as condições de vida de inúmeras comunidades piscatórias, já muitas vezes carentes, em todo o planeta as secas extremas que originam grandes incêndios... tudo isto num ciclo vicioso no qual a nossa mão, a mão humana, a mão dos filhos de Deus tem tido um papel decisivo e, assumindo o peso das palavras, um papel até criminoso.

E perante todo este cenário a pergunta que temos de colocar é de qual será o nosso papel de cristãos, mais ou menos jovens, perante tudo isto? Será que a Igreja tem alguma palavra a dizer? Evidentemente que tem, que temos! E o Papa Francisco tem sido inesgotável nesta resposta.

Lembre-mos, pois, da sua encíclica, *Laudato Si*, na qual somos remetidos para o cântico no qual São Francisco de Assis canta “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra...”, louvando e recordando que a nossa casa mãe, o nosso planeta Terra é, para nós, por um lado, como uma irmã com quem partilhamos a existência e, por outro, como uma boa mãe que nos acolhe nos seus braços!

Nenhum homem magoa ou deveria magoar, ferir, a sua irmã, a sua mãe! É esta pedrada no charco que Francisco dá! Consciente que são os que já menos têm e que mais sofrem os principais pre-

judicados pelas alterações climáticas, na encíclica, o Papa aborda vários problemas ambientais, apontando, ainda, como uma, se não mesmo, a principal causa destes problemas, a actual cultura antropocêntrica moderna (o homem no centro de tudo), a globalização do paradigma tecnocrático e o poder.

Francisco aponta, igualmente, para várias soluções: diálogo inter-religioso e entre as religiões e a ciência, o diálogo entre a política e a economia visando a plenitude humana, a transparência dos processos de decisão, o diálogo para novas políticas nacionais e locais, o diálogo sobre o meio ambiente na política internacional, a assunção de um comportamento ecológico a nível ambiental, económico, social e cultural, a justiça intergeracional... E, para além destas, Francisco apontou, ainda, para a mais importante das soluções para nós cristãos: “nos centrarmos na Palavra de Deus” que nos impele, letra após letra, para o facto de termos de ver o reflexo de Deus em todas as criaturas, em todos os seres, em tudo o que existe, porque só aí... só aí é que o nosso coração experimentará o desejo de adorar o Senhor por todas as Suas criaturas e juntamente com elas, como fez São Francisco de Assis no seu Cântico das Criaturas!

Por Helder Almeida